

Língua, Literatura e Ensino, Dezembro/2014 – Vol. XI

A INATA PERVERSIDADE: A CONSTITUIÇÃO DO NARRADOR DE *O GATO PRETO*, DE EDGAR ALLAN POE EM VÍTIMA E SEU DESFECHO ALGOZ

Ana Cláudia Conceição PEREIRA

Orientador: Prof. Dr. Alcebiades Diniz Miguel

Resumo: No contexto da literatura fantástica o conto “*O Gato Preto*” de Edgar Allan Poe apresenta as variadas facetas de um mesmo ser. Tais faces diversas entre si constituem o mais íntimo do personagem principal. Considerando a análise linear do conto, este trabalho objetiva aprofundar-se no desenvolvimento do narrador-personagem, em seu processo de transformação de vítima a réu. O personagem constituiu-se ao longo da narrativa vítima frente à perversidade, que lhe é inata, e réu quando por conta desta característica executa tragicamente o assassinato daqueles que o amam. A partir da análise é observado que o narrador não compreende – ou se compreende não confessa – ser integralmente o responsável por seus atos. Dessa forma, culpa outros fatores por aquilo que faz. Isso comprova possuir uma particularidade dual – entre o bem e o mal.

Palavras-Chaves: Literatura Americana, Literatura Fantástica, Literatura e Cultura Popular, Teoria Literária.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura fantástica como uma variedade da literatura oferece duas possíveis categorias para se perceber seu evento central, o fenômeno não cotidiano, sobrenatural: a) como uma ilusão dos sentidos, um produto da imaginação e, nesse caso, sem alteração das leis naturais; ou b) um acontecimento factual, que é parte integrante da realidade regida por leis desconhecidas por nós. Essa divisão foi estabelecida por Tzvetan Todorov em seu estudo *Introdução à Literatura Fantástica*. Considerando o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe pode-se dizer que ele se enquadra na segunda categoria. A base de toda a obra de Poe apoia-se no fantástico das exacerbações da natureza humana: alucinações cuja lógica ultrapassa a da consciência habitual; “mentes inquietas e febris; personagens neuróticas; o duplo de cada homem”.¹

¹ Adaptado de: POE, Edgar Allan. *O Gato Preto*. In: **Histórias Extraordinárias**. Tradução de Brenno Silveira e outros - São Paulo: Abril Cultural, 1981.

O fantástico como a ruptura da ordem estabelecida, que foge da casualidade do mundo cotidiano obriga o leitor a considerar o universo das personagens como habitados por criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e sobrenatural dos acontecimentos evocados.² A interpretação do conto foge da ideia apresentada por Todorov em seu livro, acima citado: para ele, Poe não é um autor fantástico, mas “estranho”, ao trabalhar apenas elementos psíquicos/psicológicos e morais, com pouquíssima interação sobrenatural. O sentimento de estranheza parte dos temas abordados: as mudanças comportamentais do narrador, o alcoolismo, a crueldade com que trata os animais, a maneira como se vinga daqueles que o ama e a perversidade e frieza com que comete os assassinatos. Considerando que os temas tratados no conto são de ordem humana, ou seja, limita-se ao natural do homem (seus sentimentos e desequilíbrios), este trabalho propõe, a partir da leitura linear do conto, a análise da construção dos personagens: narrador, Pluto (o primeiro gato) e o segundo gato, e como estes a partir de suas atitudes se configuram ora como **algozes**³ ora como **vítimas**. Para isso nos concentraremos na definição dada por Filipe Furtado em *A Construção do Fantástico na Narrativa*⁴:

Assim é ao monstro (a fenomenologia meta-empírica de índole negativa, personificada ou não) que, como sujeito incube sempre iniciar, desenvolver e orientar o curso geral da ação. Correspondentemente cabe a vítima (destinatário e, amiúde, objeto desejado pelo sujeito) suportar o impacto alucinante dos acontecimentos que sobre ele se acumulam. (FURTADO, 1980, p. 89)

Adiante será mostrado como as variadas facetas dos personagens correlacionam-se de forma inversamente proporcional.

Para sustentar as atitudes tomadas pelo narrador, também trabalharei a questão da *perversidade* como uma disposição maligna, da qual é difícil afastar *a priori* o espírito da maldade.⁵

Sendo considerada uma disposição natural, tendência ou instinto do caráter, que leva inconscientemente o homem a agir mal. Serão exploradas as principais passagens em que o narrador

fala sobre a *perversidade* e comete atos perversos. Dessa forma será possível observar como ele se constitui ao longo da narrativa como vítima desse comportamento (perverso).

2. AS FACETAS DO NARRADOR: DO NATURAL AO PERVERSO

Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. (POE, 1981, pág. 43)⁶

² TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. – São Paulo: Perspectiva, 1975.

³ Considero este adjetivo mais apropriado que *monstro* para o caso em questão.

⁴ FURTADO, Filipe. **A Construção do Fantástico na Narrativa**. Lisboa: Livros Horizontes, 1980.

⁵ VIGNOLES, Patrick. **A Perversidade**. Tradução: Nícia Adan Bonatti – Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.

⁶ POE, Edgar Allan. O Gato Preto. In: **Histórias Extraordinárias**. Tradução de Brenno Silveira e outros. - São Paulo: Abril Cultural, 1981, p. 39 – 51

Num primeiro momento será realizada uma análise das atitudes do narrador e da maneira que essas o caracterizam como **a) vítima**, quando seu relacionamento matrimonial está estável e harmonioso, o vício pela bebida está contido e quando começa a conjecturar que o gato o persegue; e como **b) algoz**, quando ressurgi⁷ a dependência pela bebida alcoólica e começa a desenvolver uma personalidade maligna que o leva a cometer atrocidades com os animais, que outrora estimava, e matar a própria esposa.

Não espero nem peço que dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de algo que meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. (p. 41)

O início do conto é caracterizado por um teor de confissão. Ao compreender seu estado de réu e ter certeza do ato que cometeu o narrador não se interessa pelo crédito dos leitores, uma vez que seus *próprios sentidos se negam a aceitar*. No trecho acima o narrador preserva seu estado mental, negando a possibilidade de loucura. Ao passo que essa admissão resguarda o personagem de um desequilíbrio mental também o culpa por estar ciente das ações realizadas. Por querer aliviar seu espírito, decide contar o caso.

Na frase em destaque encontra-se o gérmen da literatura fantástica. O personagem, ao contar a história precisa se ancorar em detalhes da realidade para conseguir narrar, à luz do natural, o que ocorre. O ocorrido é caracterizado por ele como *extraordinário e doméstico*. Tem-se aqui uma dualidade própria do fantástico, o encontro do sobrenatural com o natural em uma mesma situação. Como algo pode se caracterizar como doméstico e ao mesmo tempo como extraordinário?

Durante a análise do conto veremos que em todo o tempo o narrador tende a definir a narrativa como doméstica, apoiando-se sempre no natural para descrever os acontecimentos que fogem da naturalidade.⁸

Devido a suas consequências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e destruíram. [...] Em mim, quase não produziram outra coisa se não horror: (p.41)

É perceptível que o crime cometido traz ao narrador certo incômodo, *horror*; devido a suas consequências. Para ele esse sentimento é um *fantasma* que o atormenta. (p. 41)

Antes de começar a relatar a história, o narrador apresenta uma breve descrição de sua antiga personalidade. Mostra-se dócil em seu comportamento humano e terno de coração. (p. 41) Conta que gostava muito de animais; para sua sorte casou-se com uma mulher que compartilhava do mesmo sentimento e então nos apresenta seu animal preferido, Pluto, um *gato*.

⁷ Infelizmente não é encontrada no conto nenhuma referência que indique que o narrador não era viciado em bebida

alcoólica antes de ter seu comportamento alterado. Parece-me que o vício e as mudanças comportamentais coincidem-se num determinado momento de sua vida. Momento este em que acontece a história narrada.

⁸ p. 45 onde o narrador explica de maneira racional e natural a aparição da imagem de um gato gigantesco na parede de seu quarto.

Ainda neste ponto é possível notar a gênese do posicionamento de **vítima**, embasado no pânico – descrito em forma de *feedback* – sentido pelo narrador após cometer o crime e pelos atributos elencados acima que podem ser considerados ferramentas que além de sustentarem a faceta de **vítima** também nos indicam que ocorreram mudanças em sua personalidade capazes de fazê-lo um criminoso.

Na primeira descrição do *gato* o narrador o caracteriza como grande, belo, negro e sagaz. Era seu animal preferido, só ele o alimentava, o animal seguia-o pela casa e essa amizade durou anos.

Nossa amizade durou, desse modo, vários anos durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento – enrubescço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. (p. 42)

A partir da narração do personagem tem-se que é este o momento em que ele começa a sofrer uma espécie de metamorfose em seu comportamento, transformando-se, com o passar do tempo, em **algoz**. O narrador responsabiliza o *demônio* da intemperança por essa mudança.

Ao culpar um demônio o narrador distancia de si as responsabilidades que ele próprio possui na história. Além disso, não relata o fato de consumir abusivamente álcool, mesmo sendo este um elemento que prejudica seu convívio com a esposa e os animais.

Esse *demônio* acarreta no personagem a intemperança – ocasionada não apenas pelo uso abusivo do álcool, mas também pela própria *perversidade*: o prazer em fazer o que é errado/não aceito, presente durante o conto – modificando seu comportamento com a esposa e os animais que

tanto estimava. Essa mudança de comportamento é ruim para os últimos, bem como para o próprio, que se sente mal ao realizar suas atrocidades.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mãe levemente com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente de mim (p. 43)

Tem-se aqui a primeira ocorrência de uma mudança do estado psicológico, (de terno para furioso) caracterizado pelo narrador como uma possessão. Quando *possuído* pela fúria demoníaca, fica fora de si, a ponto de não saber mais o que está fazendo.

Na passagem acima há um indício de que suas atitudes cruéis se dão após o uso da bebida alcoólica. Mesmo o gato tendo ferido *levemente* sua mão é possuído por uma fúria demoníaca (como se algo sobrenatural fosse responsável por suas crueldades). E assim, friamente, arranca um olho do gato.

Aristóteles caracteriza o monstro como sendo um desvio em relação ao usual e observável no universo dos fenômenos.⁹ Aqui aquele homem que antes se mostrava dócil em seus comportamentos e terno de coração, agora se desvia e inversamente ao seu antigo ser, torna-se cruel. A perversidade é vista ao notar-se que segundo a teoria de Aristóteles o comportamento “natural” do personagem foi alterado.

⁹ ARISTÓTELES. *Génération des Animaux*, IV 2, 767b.

Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! (p. 43)

Com total consciência de seu estado psíquico são e de seus sentimentos tem-se a confissão de que **friamente** ele realizou o ato. Após o feito, o narrador não sente remorso pelo praticado. Para os leitores, fica evidente de que qualquer atitude bruta, a partir desse momento, poderá ser realizada por ele.

Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão – dissipado já os vapores de minha orgia noturna –, experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. [...] Uma manhã, a sangue frio, meti-lhe um nó corredo em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. (p. 43, 44)

A dualidade é novamente apresentada. Mesmo com os **olhos cheios de lágrimas e com o coração já transbordante do mais amargo remorso** o personagem enforca a **sangue frio** o animal. Mais uma vez o narrador coloca sobre si algo sobrenatural que o domina e o transforma. Agora o *espírito da perversidade*. Considero relevante a reflexão acerca desse espírito. Como ele consegue ser tão forte? Capaz de sucumbir os sentimentos do personagem e ainda ser definido como a causa da queda final do narrador.¹⁰

E por este espírito ele enforca o animal.

Após o assassinato do animal o narrador é aterrorizado pelo *fantasma* do gato por meses, o que prova que sua alma, antes impassível agora se encontra transtornada. Este fantasma, o qual o narrador se refere, aterroriza-o e persegue-o obstinadamente. A fantasmagoria nos apresenta duas importantes concepções relacionadas ao universo dos espíritos e do sobrenatural vinculadas ao fantasma: *vingança* ou *punição*. Precisamente, ambas ocorrem ao narrador. A vingança e a punição se dão através do próprio ato de aterrorizar e perseguir.

Numa noite¹¹ qualquer o narrador encontra um gato muito semelhante ao anterior, salvo que este possuía uma mancha larga e branca de forma indefinida que lhe cobria quase toda a região do peito. Leva-o para casa e logo o bichano torna-se o preferido de sua mulher.

¹⁰ Talvez seja possível responder a essas questões mais adiante quando tratarei acerca da perversidade do narrador.

¹¹ Na noite em que o narrador encontra o segundo animal ele está embriagado. Seu estado psíquico tem fundamental importância na narrativa, visto que quando arranca o olho do primeiro animal e agora quando decide levar para sua casa um gato que muito se assemelha com o anterior ele também está bêbado. O estado de embriaguez impede que ele reconheça os traços semelhantes e acabe por tomar uma decisão precipitada. O próprio narrador faz suas escolhas. Seu estado psíquico parece algo “premeditado”, pois ao mesmo tempo em que neste estado ele arranca o olho do gato ele também adota aquele que irá desmascará-lo no fim do conto. Como tratarei restritamente da perversidade do personagem deixarei para analisar os estados psíquicos do personagem em uma próxima análise.

Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência; mas, aos poucos – muito gradativamente –, passei a sentir por ele inenarrável horror [...] (p. 46)

Neste contexto o atributo de **vítima** retorna ao personagem. Este começa a evitar os mesmos espaços que o animal e sente medo quando ele se aproxima. Seu horror pelo gato aumenta quando, na manhã seguinte, descobre que o segundo animal também havia sido privado de um dos olhos. Com o tempo começa a perceber a significativa mudança na mancha do pescoço do gato. Aquela que outrora era indefinida e sem forma, agora se configurava como a imagem da força. Essa imagem traz ao narrador a lembrança de seu ato, apavorando-o cada vez que via o novo gato.

Na verdade naquele momento eu era um miserável (p. 48)

Finalmente o narrador apresenta o relato de seu crime. Um dia, ao descer as escadas para o porão do velho edifício onde morava, o gato quase o fez cair escada abaixo. Ao perder o juízo, dirige ao animal um golpe mortal. Ao tentar impedir que o golpe acertasse o alvo, sua esposa segura seu braço. Tomado novamente pela *fúria demoníaca* o narrador lhe tira a vida.

Ainda que se apresente como vítima, visto que é aterrorizado pelo gato que o persegue e se assemelha com o anterior, o narrador volta a cometer um assassinato acusando a suposta *fúria demoníaca*. Após cometê-lo tem vontade de fazer o mesmo com o novo animal, que por fim, traz um final inesperado ao conto.

3. UM OLHO, UMA FORÇA.

O primeiro animal, *Pluto*, possui as qualidades naturais de tal espécie, é muito querido pelos donos e a amizade entre eles, principalmente com o narrador, dura por anos até que este o assassina friamente.

A única faceta apresentada pelo gato é a de **vítima**. Por conta da embriaguez, das mudanças comportamentais e também pela perversidade de seu querido dono o animal tenta, a princípio, manter-se longe deste, até que é pego e tem um de seus olhos arrancado bruscamente.

A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. (p. 43)

Por não conseguir conviver com a lembrança da atrocidade causada ao gato e também por sua perversidade, o narrador resolve matá-lo. Enforca o animal para se aliviar da culpa de ter cometido algo tão cruel com aquele que tanto lhe amava.

*Uma manhã, a **sangue frio**, meti-lhe um nó corredo em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. (p. 44)*

4. UM OLHO, UM GRITO.

Passado um tempo do crime, o narrador adota um gato de rua, muito parecido com o gato anterior. A partir de então, esse segundo animal começa a atormentá-lo de forma a transformar-se (para o narrador) em um **monstro**, sua primeira faceta.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra maneira [...] quase me envergonha confessar que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar. (p. 47)

O desenvolvimento da figura do animal em um **monstro**, que se transforma de uma lembrança para algo assustador, se baseia na própria consciência do narrador ao revelar para o leitor sua visão sobre o fato, aquilo no qual ele acredita que o animal se tornou – um fantasma do antecedente.

Além da semelhança com o anterior, e de ter uma longa e branca mancha ao redor de seu pescoço (que traz a lembrança o material usado para assassinar o primeiro gato: uma corda) esse novo gato também não possui um dos olhos e ainda estima seu dono na mesma intensidade que o outro, o que lhe causa um tormento psicológico significativo, a ponto de temer o gato. A partir desse ponto, temos que a constituição do animal em um monstro é apoiada nas lembranças e nos tormentos sofridos pelo narrador.

Segundo Luiz Nazário em *Da Natureza do Monstro*¹², o monstro é definido por sua oposição à humanidade. O narrador agora como vítima é perturbado constantemente com a simples presença

do animal. O gato é trazido como *coisa*, ou seja, perde sua identidade de animal e ganha a de monstro.

[...] eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, se tivesse coragem, me teria livrado. [...] Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado do indescritível terror de sentir o hálito quente da coisa sobre o meu rosto, e o seu enorme peso – encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim – pousado eternamente sobre o meu coração. (p. 47-48)

Cícero, em *De Divinatione*¹³ propôs uma possível interpretação semiótica do monstro: este seria a marca de uma *transgressão* e o sinal de uma *punição*. Portanto é permitido pensar que o segundo animal, possuindo características semelhantes a do anterior aparece no momento do conto em que é necessário que o narrador seja punido. É visível que o segundo gato passou pelas mesmas dores que o primeiro, o que fortalece a ideia deste possuir uma missão *previamente traçada*¹⁴, a de atormentar e constituir-se como o **monstro** da narrativa.

¹² NAZÁRIO, Luiz. **Da natureza dos Monstros**. São Paulo: Arte e Ciências, 1998.

¹³ CÍCERO. (1999). **Sobre la adivinación**. Biblioteca Clásica Gredos. Introducciones, traducción y notas de Angel Escobar. Madrid: Editorial Gredos.

¹⁴ A ideia de missão previamente traçada casa-se com o estado de embriaguez anteriormente mencionado. O segundo gato é encontrado quando o narrador está sob os efeitos do álcool. A embriaguez possibilita que o gato cumpra sua missão, pois só depois do efeito ter passado ele nota as semelhanças com o primeiro animal.

Mais adiante, após o narrador ter assassinado sua esposa, recebe em sua casa alguns policiais para uma investigação. Levado pela vontade de dizer algo que pudesse fortalecer ainda mais sua inocência ou se gabar pelo crime “perfeito”, uma vez que os policiais nada encontraram na casa, o narrador acaba batendo com força na parede onde tinha escondido o corpo de sua mulher. De dentro da parede o gato incrimina-o – com um grito apavorante – finalizando assim sua missão e torna-se, por assim dizer, um misto de **monstro** e **herói**.

... uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror; metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, e dos demônios exultantes com a sua condenação. (p.51)

Lembrando-se da antiga crença popular, em que acreditava a esposa do narrador, de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas, tem-se assim, uma possível reencarnação do antigo gato no último para fazer justiça.

5. A INATA PERVERSIDADE DO NARRADOR

Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.¹⁵

Após várias leituras do conto foi possível perceber a *perversidade* do narrador como a principal causa dos terríveis acontecimentos. Por este motivo, proponho uma análise mais cuidadosa dos trechos onde tal característica é nitidamente explorada.

Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceba, nas circunstâncias as quais me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais. (p. 41)

Patrick Vignoles em *A Perversidade*¹⁶ propõe que:

... o crime cometido estética ou gratuitamente, [...] mostra que a perversidade é fato de inteligência, talvez mesmo de uma inteligência superior, que não se submete à lei comum, de um pensamento apto a desafiar as leis universais e que não acompanha nenhuma vontade boa. (p. 85)

Na colocação de Vignoles é possível resgatar exatamente aquilo que narrador tem esperança de encontrar: uma inteligência superior. Por esta inteligência não se submeter à lei comum ela minimizaria o terror do narrador frente aos crimes cometidos, concedendo a este uma nova visão: *uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais*.

¹⁵ Romanos, Português. In: **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/rm/7>. Acesso em: 10/10/2014.

¹⁶ VIGNOLES, Patrick. **A Perversidade**. Tradução: Nícia Adan Bonatti – Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.

Já não sabia mais o que estava fazendo. Dir-se-ia que, súbito, a minha alma abandonará o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras do meu corpo. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! (p. 43)

O mal cometido pelo narrador não foi por ignorância. Conforme explicita Vignoles com o exemplo do bêbado que bebe e atropela outro cidadão (p. 38), tem-se aqui uma cena parecida. O narrador sustenta a ideia de que a perversidade é causada pela genebra – bebida destilada. A partir de tal confissão fica evidente que é consciente de suas atitudes. O mal causado é sustentado pela perversidade trazida a este por meio da bebida.

Quando, com a chegada da manhã¹⁷, voltei à razão – dissipados já os vapores de minha orgia noturna –, experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. (p.43)

Após cometer o terrível ato de arrancar um dos olhos do gato, o narrador apresenta ao leitor o que sentiu: *misto de horror e remorso*, porém os caracteriza como sentimentos superficiais uma vez que sua alma permaneceu impassível. Vignoles afirma que a perversidade não é uma maldade inconsciente e involuntária, mas ao contrário, uma maldade consciente de si, realização do mal em toda a lucidez (p. 16)

Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela aversão por parte de um animal que antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. (p.43)

A princípio, o narrador assume que sofreu com a aversão que o animal, após o ocorrido, tomou por ele, mas que logo se sentiu irritado frente à situação. Em um de seus ensaios Vignoles apresenta que o perverso da perversidade é que o homem possa odiar sua humanidade, mesmo em frente aos movimentos naturais de amor e de admiração (p. 64). A lembrança do amor que o gato tinha por ele poderia fazer com que se redimisse do que fez, mas a perversidade não permite que o narrador sinta tal sentimento, antes, se mostra irritadiço.

E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las. Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito da perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. (p. 43-44)

¹⁷ O conceito de manhã é apresentado como esclarecedor. Com a chegada da manhã é que o narrador volta à razão.

A proposta levantada por Vignoles mostra o homem como perverso porque tem em si um princípio de perversidade. O homem por sua natureza acaba pendendo-se ou inclinando-se mesmo sabendo que é indesejável, na direção do mal. (p. 40)

O narrador culpa o espírito da perversidade pelos atos que cometerá a seguir. Em *A Perversidade* afirma-se que o homem como ser perverso transfere para o outro o mal realizado ou torna anônimo seus crimes (p. 50). O que é feito pelo narrador, ele culpa demônios, fúrias, sensações e até mesmo o gato pelas atitudes cometidas.

A *perversidade* é trazida por Vignoles como um mal que pode revestir-se com a máscara do bem, apoiado na ideia trazida pelo narrador, de que é um impulso primitivo que dirige o caráter do homem. Ou seja, o homem não se constitui puramente como mau, mas dirigido por este impulso deseja contrariar as leis estabelecidas simplesmente por serem leis (p. 78).

Outra característica trazida por Vignoles referente à perversidade é a ideia de que esta não é fazer o que é necessário, mas agir de modo contrário ao que deveríamos (p. 122). A próxima passagem mostrará como Poe se apropria desta teoria.

Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e reconhecia que não me dera motivo algum para que me volta-se contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado – um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível. (p. 44)

Essa passagem reforça a ideia levantada anteriormente de que o perverso odeia sua humanidade, mesmo em frente aos movimentos naturais de amor e de admiração. Ainda reconhecendo o amor que o gato sentia por ele o narrador o enforcou. Esse ato é teorizado por Vignoles quando afirma que só existe o mal porque existe o bem (p.65). Tal afirmação sustenta o crime realizado, uma vez que o narrador perverso não suporta o gato que um dia o amou e por não ser recíproco a este sentimento decide matá-lo. O narrador não realiza o mal desejando o fim em si, o mal é apenas um meio para garantir vantagens, vantagem de nunca mais ver o odioso gato.

O perverso é animado pelo ressentimento em relação àquilo que não consegue “prender”: o ser como outro; ele vingá-se prendendo outrem para fazê-lo aceitar sua razão e mantê-lo sob controle (VIGNOLES, 1991, p.139)

A última passagem em que é possível verificar claramente a perversidade do narrador é quando este assassina sua esposa. Volta a cometer um assassinato acusando a suposta *fúria demoníaca*. E tem vontade de fazer o mesmo com o novo animal, mas não o encontra. Neste trecho tem-se, conforme Vignoles, que a perversidade é da ordem do oculto e por isso pode-se reconduzi-la ao diabo ou ao inconsciente. No caso o narrador culpa a fúria demoníaca como responsável, “cúmplice” de seus atos. (p. 79)

Conclui-se que o narrador em todo o conto se configura como perverso através de suas atitudes, mas culpa outros fatores.

Não apareceu também durante a noite – e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranquila e profundamente. Sim dormi mesmo com o peso daquele assassínio sobre a minha alma. (p. 50)

Essa perversidade é consolidada por assassinar aqueles que o cercavam com afeto e amor. No desfecho do conto ao ser incriminado pelo grito, do gato, que sai de dentro da tumba, o narrador acaba por não obter nem mesmo o que deseja. O mal praticado volta-se contra ele. Conforme Vignoles ocorre então a destruição do homem pelo homem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto se constrói através do desenvolvimento do narrador de homem natural a algoz. Seu descontrole frente à perversidade é evidenciado durante o conto, principalmente quando comete os assassinatos. A passagem abaixo mostra claramente seu comportamento perverso.

Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. (p. 44)

Nazário afirma que o monstro “seduz, fascina” suas vítimas antes de matá-las. Essa afirmação pode ser constada no imenso carinho e afeto que ambos os animais da história sentem por seu dono. Carinho este que é correspondido por pouco tempo.

Por se tratar exatamente de um animal natural, com apenas uma deformidade física: a falta de um olho, o gato se configura como *monstro moral*. Moral porque ele, através de suas atitudes, pune o narrador perverso. No conto o gato não chega a matar seu dono, mas o denuncia frente aos policiais.

Todo monstro é materialmente uma máscara: seu horror é externo, sua representação dá-se por intermédio da fantasia. [...] O silêncio antecede sua atuação agitada e barulhenta. [...] É nos momentos de espontaneidade que os ataques são desfechados. (NAZÁRIO, Luiz, 1998, p. 17)

A análise do conto focou-se, primeiramente, na construção dos personagens, que neste caso apresentam-se: o narrador da história, (que sofre com o alcoolismo e com mudanças de comportamento); o primeiro animal de estimação do narrador (que mesmo demonstrando grande carinho por seu dono é vítima de sua crueldade e de suas mudanças comportamentais) e o segundo animal (que também estima seu dono, mas o incrimina ao denunciar o local onde a esposa, assassinada pelo marido, está enterrada).

O primeiro personagem por apresentar problemas comportamentais e vício pelo álcool torna-se agressivo a ponto de causar atrocidades com seus animais de estimação e com sua própria esposa. O primeiro *gato* aparece apenas como vítima, visto que é após sua morte que o segundo *gato* aparece demonstrando o mesmo carinho por seu dono. Este já enlouquecido com as lembranças do primeiro constrói em sua intimidade a figura de um **monstro** para o segundo animal, caracterizando-o por diversas vezes como aquele que o desviava de seu estado natural. No desfecho do conto este mesmo gato ao incriminar seu

dono torna-se o herói da história, visto que através do seu grito, não permite que o crime fique encoberto. Dessa forma, além de denunciar o narrador, o animal vinga a morte do primeiro e faz ser repensada a crença nutrida pela esposa do narrador, de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas.

Em seguida, foi explorada a perversidade do personagem ao relatar o ocorrido. Como o conto é narrado pelo próprio assassino foi possível observar como este descreve os horríveis fatos cometidos. Durante a segunda análise percebeu-se que apesar do narrador culpabilizar outros fatores (como o vício pelo álcool, suas mudanças de comportamento e até o demônio) pelos seus crimes, a perversidade é apresentada ao longo da narrativa como a principal responsável. Conforme nos mostra Vignoles, é evidente que o homem é mesmo o próprio autor de suas ações, e por não podermos levá-las a outros princípios além daqueles que estão em nós, essas ações dependem exclusivamente de nós e por isso são voluntárias (p.153). Embora o narrador tente se esquivar parcialmente da culpa, (uma vez que denuncia outros fatores) sendo ele responsável por suas ações e estas estarem associadas aos seus princípios, elas tornam-se voluntárias.

A perversidade é a lei que rege o conto em relação ao narrador e a monstruosidade em relação ao segundo gato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FURTADO, F. (1980). **A Construção do Fantástico na Narrativa**. Livros Horizontes, Lisboa. MIGUEL, A. D. (2010) **Racionalização do Terror: Poe e a Estrutura de Uma Geometria do Pesadelo**. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_36/alcebiades_diniz.pdf. Acesso em: 10/09/2014.
- FURTADO, F. (2006) **A morfologia do horror: construção e percepção na obra lovecraftiana**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000375752&fd=y>. Acesso em: 15/10/2014.
- NAZÁRIO, L. (1998) **Da natureza dos Monstros**. Arte e Ciências, SP.
- POE, E. A. (1981) O Gato Preto. In: **Histórias Extraordinárias**. Tradução de Brenno Silveira e outros. p. 39 – 51. Abril Cultural, SP.
- TODOROV, T. (1975) **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. Perspectiva, SP.
- VIGNOLES, P. (1991) **A Perversidade**. Tradução: Nícia Adan Bonatti. Papirus, SP.